

UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DOS TEMPOS VERBAIS COMPOSTOS EM AULAS DE CURSO SUPERIOR E DE CURSO PRÉ-VESTIBULAR: DA NORMA AO USO

Julia Daher Carrara (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Juliano Desiderato Antonio (Orientador).
E-mail: ra117414@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes/ Linguística.

Palavras-chave: perífrases verbais; tempos compostos; gramática funcional.

RESUMO

Um campo em que a tensão entre a norma gramatical e o uso da língua fica evidente é o dos tempos verbais compostos. Geralmente deixados de lado pelas gramáticas escolares, que privilegiam os tempos simples, os tempos verbais compostos são usados com frequência no vernáculo. Apesar disso, apenas algumas perífrases verbais são incluídas nos paradigmas de conjugação verbal das Gramáticas. Sendo assim, o objetivo principal deste projeto é descrever o tratamento dado aos tempos verbais compostos em diferentes tipos de gramáticas, bem como investigar o uso desses tempos em um cópuz formado por aulas de curso superior e de curso pré-vestibular. Embora os sintagmas verbais compostos expressem também construções passivas, perífrases aspectuais e perífrases modais, interessam a esta pesquisa apenas as perífrases temporais. A metodologia consistiu em verificar como as gramáticas, sejam tradicionais, sejam de linguistas, tratam os tempos verbais compostos. Na sequência, foram localizadas, no cópuz, todas as ocorrências de tempos verbais compostos, que foram classificados de acordo com as propostas encontradas nas gramáticas dos linguistas. Também foi realizada a tabulação da frequência de ocorrência desses tempos verbais compostos.

INTRODUÇÃO

Nas comunidades linguísticas, é natural que se busque por uma padronização da língua falada que crie uma determinada homogeneidade em detrimento da heterogeneidade que naturalmente existe na língua (Neves, 2010). No entanto, em grande número de casos, essa busca tem ignorado totalmente as variedades linguísticas e dado visibilidade apenas à norma considerada padrão. Um campo em que essa tensão entre a norma e o uso fica evidente é o dos tempos verbais compostos; geralmente deixados de lado pelas gramáticas escolares e tradicionais, que privilegiam os tempos simples, os tempos verbais compostos são usados com frequência no vernáculo.

Segundo Ilari e Basso (2008), apenas algumas perífrases verbais são incluídas nos paradigmas de conjugação verbal das Gramáticas Tradicionais, mais especificamente as perífrases de participio passado. O motivo para que poucas formas compostas sejam registradas pela tradição gramatical se refere à uma tentativa de preservação de características como forma de “valorizar” a língua portuguesa. Ao darem primazia para as formas simples dos verbos, estariam exaltando a riqueza da morfologia verbal, que são mais próximas às originais do latim.

Por outro lado, em uma investigação funcionalista, a língua é vista como um sistema de sentidos acompanhados por formas que realizam esses sentidos, e a gramática deve explicar como os sentidos são expressos (Halliday, 1994). Seguindo esse viés, Castilho (2010) define a perífrase verbal como um sintagma verbal composto por um verbo auxiliar, que pode assumir qualquer flexão de tempo, modo e pessoa disponíveis, e por um verbo de sentido pleno não conjugado, ou seja, no infinitivo, no gerúndio ou no participio. Os sintagmas verbais compostos podem expressar tempos verbais compostos, construções passivas, aspecto e modo. Interessam a esta pesquisa apenas as perífrases que expressam tempos verbais compostos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O primeiro passo da pesquisa consistiu em verificar como gramáticas tradicionais e gramáticas de linguistas tratam os tempos verbais compostos. Na sequência, foram localizadas no cópuz do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná) todas as ocorrências de tempos verbais compostos, que foram classificados de acordo com as propostas encontradas nas gramáticas dos linguistas. A tabulação da frequência de ocorrências desses tempos verbais compostos foi realizada por meio do *Systemic Coder*, um software facilitador para codificação linguística de materiais de cópuz, que utiliza as entradas do usuário para criar categorias e organizar sistemicamente as funções linguísticas. O documento com as ocorrências foi inserido no programa juntamente com o esquema de classificação dos tempos verbais compostos. Na interface *Coding*, foi realizada a classificação manual de cada ocorrência de acordo com as classificações do esquema, associando a forma de cada perífrase ao seu respectivo tempo. Por fim, utilizando as funções de tabulação da aba *Statistics*, foi verificada a frequência de cada tempo verbal composto, bem como da forma das perífrases, para a organização posterior das tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada em um cópuz de transcrição de aulas de cursinhos pré-vestibular e cursos superiores, no qual foram detectadas 1.154 ocorrências de perífrases verbais que expressaram tempos compostos, sendo 1.134 (98,3%) ocorrências nos tempos do indicativo e 20 ocorrências nos tempos do subjuntivo (1,7%). Os dados estão dispostos na tabela a seguir:

Frequência dos tempos compostos

Indicativo	Nº	%
Fut. Pres.	870	75,2
Pres.	204	17,6
Pret.	41	3,5
Fut. Pret.	19	1,6
Subjuntivo		
Fut.	17	1,5
Pret. Imp.	2	0,2
Pret. Perf.	1	0,1
Total	1.154	100

Ao analisar os dados, o que se destaca é a grande quantidade de perífrases de futuro, sobretudo nos tempos do indicativo. O futuro do presente foi expresso por meio de perífrase 870 vezes, representando 75,1% das ocorrências. Dentre elas, a forma que predominou foi a com o verbo auxiliar *ir* no presente e o verbo principal no infinitivo. Essa forma foi catalogada por Castilho (2010) e Neves (2000) como futuro do presente composto. Nas gramáticas tradicionais, ela não é comentada.

(1) então a gente **vai trabalhar** hoje .. e nos próximos/ .. amanhã també:m,
Em segundo lugar, evidenciou-se o presente composto, constituído pelo verbo *estar* (*presente*) + gerúndio, com 17,6% das ocorrências. De acordo com Castilho (2010), essa forma não tem correspondência temporal idêntica ao presente do indicativo em sua forma simples no PB, portanto existem divergências nas gramáticas a respeito de sua classificação como perífrase temporal. Entretanto, alguns gramáticos, como Ilari e Basso (2008), incluem o presente perifrástico entre os tempos compostos, pois afirmam que ele possui bases verbais capazes de comutar com verbos simples. Apresenta-se a seguir um exemplo desse tipo de ocorrência:

(2) por que **estou falando** isso de novo?

Por fim, destacaram-se também as perífrases de pretérito do indicativo, que apareceram em terceiro lugar com 41 ocorrências (3,5%). Ao contrário das anteriores, elas se concretizaram por meio de variadas formas, com ligeira predominância de perífrases de *ter* (*pretérito perfeito*) + participípio e de *estar* (*pretérito imperfeito*) + gerúndio.

(3) eu não sei quais vocês já **tinham tirado**.

(4) aquilo que a:: aluna X **tava comentando**

No primeiro caso, existem menções nas gramáticas tradicionais de que essa forma compõe o pretérito mais-que-perfeito composto, da mesma forma que *haver* mais participípio passado. Ilari e Basso (2008) também chamam-no pretérito mais-que-perfeito perifrástico, afirmando ainda que esse tempo praticamente substituiu a sua forma simples na linguagem cotidiana. O segundo caso, por sua vez, não foi nomeado em nenhuma das gramáticas, mas é utilizado significativamente para expressar eventos durativos no passado, obtendo uma correspondência semântica com o pretérito imperfeito (Castilho, 2010).

CONCLUSÕES

Os resultados da pesquisa evidenciaram a tensão entre a norma gramatical e o uso real da língua que ocorre no tratamento dos tempos verbais compostos, uma vez que a grande maioria das perífrases documentadas não estão nomeadas nas gramáticas tradicionais, apesar de sua presença comum na fala. A análise do corpus mostrou perífrases que foram tratadas por gramáticas de linguistas, como as de futuro do presente, que apareceram com grande frequência, as de presente e as de pretérito do indicativo. Entretanto, algumas delas não foram nomeadas nem mesmo sob a ótica funcionalista. Sendo assim, o estudo revelou a necessidade de se considerar os diferentes usos do tempo verbal nas construções reais da língua nas análises gramaticais.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária, pela bolsa.
Ao Programa de Iniciação Científica da UEM.
Ao professor Juliano Desiderato Antonio, pela orientação.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. S. Paulo: Contexto, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Baltimore: E. Arnold, 1994.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*: R. Ilari; M. H. M. Neves (Orgs.); **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008. v. 2. p. 163-365.
- NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. S. Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. S. Paulo: Ed. Unesp, 2000.